

# REVISTA DESAFIOS

ISSN: 2359-3652

v. 11 n. 3 (2024): Dossiê Temático: Programa de Inovação Pedagógica da Universidade Federal do Tocantins.

DOI: [http://dx.doi.org/10.20873/piip\\_16991](http://dx.doi.org/10.20873/piip_16991)

ARTIGO RECEBIDO: 11/05/2022 – APROVADO: 24/11/2023 - PUBLICADO: 30/03/2024

## EXPERIÊNCIA E MÉTODO NO PROJETO DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA DO CURSO DE FILOSOFIA DA UFT

*EXPERIENCE AND METHOD IN THE PEDAGOGICAL INNOVATION PROJECT OF THE PHILOSOPHY COURSE AT UFT*

*EXPERIENCIA Y MÉTODO EN EL PROYECTO DE INNOVACIÓN PEDAGÓGICA DEL CURSO DE FILOSOFÍA DE LA UFT*

*José Soares das Chagas\*,<sup>1,2</sup>; Leandro Ferreira da Silva<sup>1</sup>; Ana Cláudia Batista Cardoso<sup>1</sup>; Abraão Mittelstad Souza<sup>1</sup>*

<sup>1</sup>Curso de Filosofia, Campus Palmas, Universidade Federal do Tocantins, Brasil;

<sup>4</sup>Coordenador PIP Filosofia/UFT, Campus de Palmas-TO

\*Correspondência: [jsoaresdaschagas@uft.edu.br](mailto:jsoaresdaschagas@uft.edu.br)

### RESUMO

Este trabalho teve como objetivo abordar a realidade dos estudantes de Filosofia da Universidade Federal do Tocantins - UFT dentro dos conceitos de experiência e metodologia. A questão proposta surge da necessidade do desenvolvimento de ações voltadas para dar suporte pedagógico e tecnológico ao curso em questão a partir das diretrizes do Programa Institucional de Inovação Pedagógica (PIIP). A partir deste norte institucional, aprovou-se e se criou um núcleo de fomento de pesquisa, ensino e de intervenções extensionistas, a saber: o Projeto de Inovação Pedagógica da Filosofia (PIP FILO), que se constitui como uma central de apoio pedagógico da Filosofia. A metodologia empregada possui duas dimensões: uma de caráter qualitativo e bibliográfico; e a outra de caráter mais extensionista em que o projeto se insere na realidade procurando melhorá-la. No caso desta dimensão da pesquisa, foi lançado mão do pensamento de Benjamin, Larossa, Umberto Eco, Spinoza, dentre outros. Já em relação à metodologia extensionista, foi aproveitado uma enquete de sondagem de opinião do Centro Acadêmico de Filosofia para pensar quais ações deveriam ser desenvolvidas no curso. Assim, percebeu-se que um dos grandes problemas dos estudantes da Filosofia da UFT estava voltado para questões de escrita acadêmica. A partir disso, foram realizadas palestras, oficinas e a produção de material didático para auxiliar os estudantes dentro desta área sensível em sua formação.

**Palavras-chave:** Experiência. Metodologia. UFT.

### ABSTRACT

This work aimed to address the reality of Philosophy students at the Federal University of Tocantins - UFT within the concepts of experience and methodology. The proposed issue arises from the need to develop actions aimed at providing pedagogical and technological support to the course in question

based on the guidelines of the Institutional Program for Pedagogical Innovation (PIIP). From this institutional point of view, a nucleus was approved and created to promote research, teaching and extensionist interventions, namely: the Pedagogical Innovation Project of Philosophy (PIP FILO), which constitutes a pedagogical support center for the Philosophy. The methodology employed has two dimensions: one qualitative and bibliographical; and the other of a more extensionist nature in which the project is inserted in reality, seeking to improve it. In the case of this dimension of the research, the thinking of Benjamin, Larossa, Umberto Eco, Spinoza, among others, was used. Regarding the extensionist methodology, an opinion poll from the Academic Center of Philosophy was used to think about which actions should be developed in the course. Thus, it was noticed that one of the major problems of Philosophy students at UFT was facing academic writing issues. From this, lectures, workshops and the production of didactic material were held to help students in this sensitive area in their training.

**Keywords:** Experience. Methodology. UFT.

### **RESUMEN**

Este trabajo tuvo como objetivo abordar la realidad de los estudiantes de Filosofía de la Universidad Federal de Tocantins - UFT dentro de los conceptos de experiencia y metodología. El tema propuesto surge de la necesidad de desarrollar acciones encaminadas a brindar apoyo pedagógico y tecnológico al curso en mención a partir de los lineamientos del Programa Institucional de Innovación Pedagógica (PIIP). Desde este punto de vista institucional, se aprobó y creó un núcleo para promover intervenciones investigativas, docentes y extensionistas, a saber: el Proyecto de Innovación Pedagógica de la Filosofía (PIP FILO), que constituye un centro de apoyo pedagógico a la Filosofía. La metodología empleada tiene dos dimensiones: una cualitativa y bibliográfica; y otra de carácter más extensionista en la que el proyecto se inserta en la realidad, buscando mejorarla. En el caso de esta dimensión de la investigación se utilizó el pensamiento de Benjamin, Larossa, Umberto Eco, Spinoza, entre otros. En cuanto a la metodología extensionista, se utilizó una encuesta de opinión del Centro Académico de Filosofía para pensar qué acciones se deben desarrollar en el curso. Así, se percibió que uno de los mayores problemas de los estudiantes de Filosofía de la UFT se enfrentaba a problemas de redacción académica. A partir de ello, se realizaron charlas, talleres y la producción de material didáctico para ayudar a los estudiantes de esta sensible área en su formación.

**Descriptor:** Experiencia. Metodología. UFT.

### **INTRODUÇÃO**

Para desenvolver uma tarefa ou realizar um projeto (de pesquisa ou de planejamento) se faz necessário um conjunto de procedimentos, estratégias e muito trabalho. Porém, o que geralmente não se tematiza ao se falar de vida acadêmica, projetos e pesquisa é a especificidade do fazer em questão e a própria experiência. O automatismo e as “cópias” podem se tornar uma resultante desta falta de saber sobre si mesmo e sobre a produção do conhecimento.

Um conhecimento sobre o conhecimento, que é também um conhecimento sobre a experiência, faz-se necessário para que a nossa prática-conhecimento possa corresponder ao seu intento de ser uma experiência filosófica e pedagógica de ensino, pesquisa e extensão. Com este ânimo filosófico e pedagógico, o Projeto de Inovação Pedagógica da Filosofia PIP FILO iniciou sua pesquisa questionando: o que é a experiência?

Como em quase todo início de reflexão filosófica, começou-se por algo aparentemente óbvio. Como diz Darcy Ribeiro (1986), parece que o trabalho dos cientistas é questionar sobre o óbvio. De fato, durante muito tempo, pareceu óbvio que o sol girava em torno da terra, de que os pobres eram culpados de sua pobreza, de que os ricos eram caridosos e de que o Brasil era um país de “vira-latas”.

A filosofia também começa com algo aparentemente simples, o óbvio, para terminar no complexo. Não porque se quer complicar e produzir um material invertebrado e gasoso, mas para humanizar e para prejudicar e incomodar à tolice (Deleuze, 1976).

No caso da experiência, o que parece óbvio é que já se sabe o suficiente sobre o assunto e que não é importante perguntar por algo que já está pressuposto nas nossas ações. Ora, o que seria o *curriculum lattes* ou *vitae* senão o retrato das experiências acadêmicas? E o que seriam os laboratórios senão ambientes herméticos da mais alta e refinada experiência (a científica)? De igual modo, quando se fala de inovação pedagógica se pretende que se esteja, obviamente, produzindo experiências inovadoras.

Então, se está tão claro, por que perder tempo questionando sobre este assunto? Primeiro, pelo que já se falou: a vida e o trabalho sem reflexão produzem automatismo e uma vida não humana; depois, porque filósofos e filósofas não são realmente filósofos e filósofas se não são desconfiados e desconfiadas. Quem quer viver pleno de certezas deve abandonar a filosofia.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Exatamente em forma de “tempestade” de ideias (*brainstorm!*) foi que começou as pesquisas da equipe. Tomamos por base um texto do filósofo e educador espanhol ainda vivo Jorge Larossa intitulado “Notas sobre experiência e o saber da experiência” e um outro do filósofo alemão da Escola de Frankfurt Walter Benjamin: “Experiência e pobreza”. Os Monitores de Inovação Pedagógica (MIPs) juntamente com o Tutor e o coordenador do PIP FILO estudaram estes textos e, no encontro semanal, compartilharam – numa dinâmica de sala de aula invertida por meio da ferramenta *Jamboard* do *google work space* - fazendo uma ponte com aquilo que se entende no nosso cotidiano como sendo experiência, conforme figuras, abaixo:

Figura 1 - Quadro de atividade realizada com os monitores:



Fonte: Acervo dos autores no Jamboard

Figura 2 - Quadro de atividade realizada com os monitores



Fonte: Acervo dos autores no Jamboard

Figura 3 - Quadro de atividade realizada com os monitores



Fonte: Acervo dos autores no Jamboard

Com Benjamin, aprende-se que esta experiência do chamado homem moderno da ciência e da técnica é uma pobre experiência. E com Jorge Larossa, entende-se que esta se distingue daquelas, as quais este mesmo sujeito moderno confunde como sendo formas de experiência. Como o texto de Larossa serviu como um GPS nas discussões da equipe, pode-se seguir os pontos apresentados por ele que se dividem em (1) o que não é experiência e (2) o que é experiência. A partir disso, é possível perguntar: o que é uma experiência filosófica e pedagógica?

No cotidiano, costuma-se lidar com a experiência como se fosse um conjunto de informações sobre algo, formação de opinião, trabalho e tempo ocupado e produtivo. Na verdade, tudo isso nos afasta da experiência no sentido etimológico, filosófico e existencial (Larossa, 2002) que significa “aquilo que nos passa”, “o que nos acontece”. Em francês, “*ce que nos arrive*” (o que nos chega); em inglês, “*that what is happening to us*” (o que ocorre a nós).

Em todas estas definições e traduções do significado da experiência, aparece como algo central a reflexividade do pronome “nós”. Não é o que acontece ou o que chega ou o que ocorre. Antes, é o que nos acontece, o que nos chega e o que ocorre a nós. É algo que vem de fora, porém se constitui em interioridade, já que se dá em nós, por nós; e que se fosse em outrem, seria um outro ocorrido, um outro acontecimento, um outro advento, uma vez que a experiência constitui a singularidade e o acontecimento e não a essência e o universal.

É por isso que Larossa alerta que o excesso de informação impede a realização de experiências. Todos são bombardeados de relatos, notícias, imagens e dados sobre quase tudo que se pode imaginar. Na internet, redes sociais, televisão, rádio, jornais e revistas se toma notas sobre o que acontece, sobre o que é notícia, sobre objetos, lugares e as situações mais variadas possíveis. Um conjunto de situações e coisas que nem sempre dizem respeito a gente, chama atenção e informa sobre os mais variados assuntos. A própria aprendizagem parece se resumir a selecionar, apresentar e processar informações sobre a natureza, a sociedade e o universo.

Depois de assistir uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro ou informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informações sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer que nada aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu (Larossa, 2002, p. 22).

Além do excesso de informação e da necessidade de se sentir informado, o imperativo da opinião fecha possibilidade de experiência. No mundo moderno, a gente é instado a todo momento a dar opinião sobre tudo. Parece que a todos foi dada a onipotência divina de julgar tudo e atribuir-lhe valor de bom e mau, de justo e injusto, de belo ou feio. Nem se tem tempo de digerir as informações que são apresentadas (e às vezes cobradas) e já se é impelido a dizer o que se acha sobre o assunto. O próprio

processo de ensino-aprendizagem organizado nas escolas tende a se tornar um trabalho de informação e cobrança de opinião.

A falta de tempo para acompanhar a enxurrada de informações e o imperativo quase moral de se ter uma opinião sobre quase tudo, retira do ser humano a capacidade degustativa da vida. O saber que se procura não se efetiva, porque só se tem acesso aos estímulos momentâneos. E atrás de novas excitações, abandona-se rapidamente uma informação, assunto, lugar ou objeto por outros. A vida moderna, sobretudo nesta era digital, é acelerada!

Por isso, sempre há a sensação de que se está perdendo tempo, produzindo pouco, sempre atrasados e de que aquilo que se faz ou produz já nasce ultrapassado. Daí o imperativo da novidade que, em alguns ambientes (sobretudo acadêmicos) se confunde com inovação. Parece que sempre temos que criar ou usar coisas novas, novos métodos, novas ideias, novas imagens, novos aplicativos.

Esta velocidade e necessidade de novidades e de novos estímulos a cada instante prejudica a memória e impede o silêncio necessário para escutar a si mesmos e perceber o que pode estar ou não acontecendo para além das informações e opiniões que servem como barreiras e muros à experiência. O homem moderno e a mulher moderna são cartesianos no sentido de dar pouco apreço à tradição e ao patrimônio cultural.

Como fala Benjamin, é a pobreza de experiência que se estende a toda a civilização ocidental que apesar de criar estilos, novidades e artefatos - por vezes misturando tradições e elementos culturais - é incapaz de se vincular ao que produz, ao que lê ou ao que assiste ou consome. Esta pobreza se traduz em uma espécie de barbárie cultural quando se pretende agir como um renovador/destruidor - e fazer uma tábula rasa de tudo o que veio antes - cujo ícone filosófico é Descartes. “A esta estirpe de construtores pertenceu Descartes, que baseou sua filosofia numa única certeza - penso logo existo - e dela partiu” (Benjamin, 1987, p. 115).

A certeza do cogito representa um desprendimento a todo e qualquer elemento da cultura e da história. E esta atitude científico-filosófica associada ao poder da técnica tornam o trabalho um meio de dominação sobre a natureza e sobre o mundo. Capaz de modificar o seu ambiente e até mesmo a sua própria natureza por meio de tecnologias agrárias, bombas atômicas e a biomedicina, o sujeito moderno não se sente pertencente a um patrimônio, mas dono de um patrimônio.

A memória tão preservada nas culturas orais que possuíam uma visão mística/mítica sobre o mundo e que traduziam isso em provérbios e práticas de reconexão consigo e com a natureza é deixada de lado como forma de vida, porém é resgatada como paliativo ao cansaço e esgotamento que este mundo veloz e pobre de experiência produz. Percebe-se esta pobreza de experiência na importação descontextualizada de práticas orientais, que são como técnicas de autoconhecimento e autoajuda.

Uma nova forma de miséria surgiu com este monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem. A angustiante riqueza de idéias que se difundiu entre, ou melhor, *sobre* as pessoas, com a renovação da astrologia e da ioga, da *Christian Science* e da quiromancia, do vegetarianismo e da gnose, da escolástica e do espiritualismo, é o reverso desta miséria. Porque não é uma renovação autêntica que está em jogo, e sim uma galvanização. [...] Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? [...] Podemos agora tomar distância para avaliar o conjunto. Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos de empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do “atual” (Benjamin, 1987, pp. 114.119).

O valor da memória e do vínculo a uma cultura e a um patrimônio histórico pela força da dominação e da técnica e do imperativo de transformar tudo, dá lugar ao considerado atual, a ideia de uma pretensa evolução por meio da imitação refeita pela técnica e tornada mercadológica. Exemplo disso são os carnavais de rua que em seus primórdios vinculavam os seus concernidos a um sentido de comunidade e de celebração de seu espírito alegre. Estas mesmas comunidades para preservarem seu patrimônio cultural ficam à mercê (e, às vezes, à margem!) dos grandes investimentos de grandes carnavais que celebram a pompa, a técnica e para os quais convergem o interesse do mercado e do turismo.

Não que estes aspectos atuais não tenham algo de positivo, pois são meios de criação de empregos e de circulação de riquezas. Porém, aquilo que anima, entretém e se vende é um grande acontecimento que, cada vez menos, tem a ver com a vida das pessoas que participam do que com os grandes interesses mercadológicos. O mesmo se pode dizer das manifestações populares da religião que paulatinamente se apresentam mais como uma simples encenação de um folclore do que como um encontro das pessoas com aquilo que constitui sua identidade e vitalidade.

Com isso, o trabalho no sentido de transformação e dominação sobre a natureza e de mudança da sociedade para simplesmente modernizá-la não dá lugar à experiência. A formação escolar (seja no ensino básico ou superior) tende a atribuir ao trabalho o caráter de experiência ao incluir nos currículos horas para um trabalho complementar à teoria. Então, trabalhar em uma empresa ou em uma escola seria fazer uma experiência que deve ser computada como horas e créditos para formação do estudante.

Não que não haja possibilidade da experiência acontecer num trabalho, porém o imperativo moderno de acumular informações, operar sistemas e ter de se atualizar para sobreviver às inovações tecnológicas deixa pouco espaço para aquilo que acontece lá no ambiente de trabalho aconteça também na pessoa e a vincule ao acontecimento como se lhe tornando parte intrínseca. É por isso que a experiência é uma exposição que implica um perigo de ser tocado e transformado como se tratasse de uma travessia em que o sujeito da experiência se constitui como uma terra sensível a tudo que lhe atravessa e deixa marcas.

Esse sujeito que não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer. [...] o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos (Larossa, 2002, p. 24).

Há nesta relação do sujeito da experiência consigo mesmo uma passividade que produz uma epistemologia e uma ética (Larossa, 2002, p. 27). Esta passividade não é o mesmo daquilo que chamamos passivo em relação a algo ativo. É antes algo anterior a isso e que possui uma força fundadora que pode se expressar em um saber, cuja natureza é diferente do saber científico. Este conhecimento da experiência é um saber assemelhado ao sentido da própria etimologia da palavra: saber do latim, *sapere*, que significa saborear.

O saber científico nos guia num conhecimento universal, abstrato e externo ao pesquisador. Seguro de si mesmo, imparcial com pretensão de neutralidade e domínio sobre seu objeto, o sujeito da ciência e da técnica extrai de seus estudos as propriedades e as relações das coisas para além de sua singularidade. O sabor das coisas pode ser efeito de muitas características peculiares à espécie, à química, ao tipo de terreno. Tudo pode ser rigorosamente descrito com auxílio de categorias lógicas e apoiado em estatísticas para que se possa garantir previsibilidade e o total controle sobre a qualidade e a quantidade que se espera.

O saber científico é, portanto, o âmbito da experimentação e não da experiência propriamente dita. Nele, o conhecimento implicado não diz respeito ao que afeta e modifica o sujeito, pois lhe é externo e é o mesmo para todos. Já na experiência, o saber daquilo que acontece no sujeito e dele deriva como sua reação passional (no sentido do que se sofre e se padece) e, também, como estado consciente e ativo (no sentido de assumir e de se lidar com isso).

A experiência é sentir o sabor, degustá-lo, apreciá-lo como algo resultante de todo um processo no qual o que aconteceu é “o que nos aconteceu”. Não pode ser um conhecimento separado da vida do sujeito que conhece. “De fato a experiência é uma espécie de mediação entre [o conhecimento e a vida humana]” (Larossa, 2002, p. 26-27). O conhecimento de que se trata aqui, como já vimos, não é o científico ou o das informações e opiniões, ou seja, não é o da experimentação ou o do domínio sobre as coisas que podem simplesmente se transformar em produto e vender.

E a vida não se reduz aos seus aspectos biológicos de produção, reprodução, sobrevivência e satisfação das necessidades de consumo, sobretudo no que diz respeito às necessidades socialmente criadas para realizar uma certa “qualidade de vida” ou “nível de vida” (Larossa 2002). Realmente, quando se fala, hoje em dia, de qualidade de vida está se referindo a um acúmulo de bens materiais que se pressupõe que caso se tenha, ter-se-á uma vida com um nível mais elevado. No fim das contas, é uma

vida que precisa ser comprada. Comprar a vida... comprar a liberdade... com investimentos e cartão de crédito para ter uma vida digna e a liberdade de viajar... e sonhar.

A experiência como mediação entre o conhecimento e a vida funda um conhecimento que dá à vida biológica um caráter existencial de finitude, concretude e singularidade. Haja vista não se tratar de apenas circulação de sangue e consumo, mas do modo como se constrói enquanto pessoas naquilo que concerne à personalidade e ao caráter. E dá ao conhecimento uma dimensão ética e estética (Larossa, 2002) transformando-o num saber da experiência: uma sabedoria.

A experiência é uma sabedoria porque concerne à vida e a responde singularmente num modo de se conduzir e responder aos desafios e as mudanças de maneira corajosa e singular, ou seja, de maneira ética. O conhecimento vale enquanto proporciona possibilidades de experiência, de conhecimento dos mecanismos e irracionalidades do mundo e de si mesmos e de como é possível se “adaptar” (ou não) a estes movimentos que nem sempre são de favorecimento à singularidade, porém que podem sempre ser acolhidos como ponto de partida das ações e deliberações do sujeito da experiência.

Adaptar-se aqui está dentro da compreensão de passividade que já se havia mencionado e que antecede a relação passividade-atividade. Trata-se de como se está inserido na natureza, na realidade, que é uma teia infinita de causas e efeitos, na qual cada ponto ou modo de ser nesta tessitura, por mais potente que seja, é superado por outros modos muito mais potentes - por mais que a singularidade lute por perseverar na existência (SPINOZA, 2008).

Padece-se porque do ponto de vista do indivíduo, a vida é uma potência entre outras potências que expressa de maneira singular a vida de todo o universo como corpo de corpos em constante transformação por meio de movimento e repouso (SPINOZA, 2008). A vida, no todo da natureza, é potência infinita de transformação e adaptação; e, na singularidade, é acompanhada da morte como lhe sendo parte intrínseca. Daí a experiência constituir um saber que cobra uma verdade que diz respeito a quem vive autenticamente a sua existência se autoformando a partir do modo como vai respondendo aquilo que o afeta e o faz padecer. E é por isso que, este conhecimento da experiência, além de uma ética, é também uma estética.

Estética, ética e epistemologia são partes de uma tradição do saber chamada de Filosofia. E é exatamente nesta tradição do patrimônio cultural da humanidade que este projeto de inovação pedagógica PIP FILO está inserido. O saber filosófico é assumido neste projeto como o ponto de partida de um trabalho interdisciplinar de uma equipe composta por estudantes de filosofia, direito, administração, jornalismo e medicina. Como o projeto se intitula Central Pedagógica e como se verificou que um dos gargalos do curso é a escrita acadêmica, resolveu-se fazer desta questão um problema filosófico e pedagógico.

Como problema filosófico, questionou-se sobre o que é uma experiência filosófica e se entendeu, a partir de Benjamin e Larossa, que a própria experiência já é um modo filosófico de existência. Um conhecimento que não se confunde com um conjunto de informações sobre doutrinas e sistemas de pensamento que se pode acumular ao longo de um curso. Porém, é um saber que faz do pensamento um modo de experimentar ideias ou, como diz Sponville, “trata-se de pensar tão longe quanto vivemos, portanto mais longe do que podemos, portanto mais longe do que sabemos” (2014, p. 174).

O limite do pensamento é a vida e esta é fonte infinita de um saber finito e limitado sobre o sentido e fundamento das coisas e da própria existência. É por isso que a filosofia, diferentemente da ciência, “[...] é um pensar sem provas, mas não é um pensar de qualquer maneira ou pensar qualquer coisa” (Sponville, 2014, p. 173). Não se trata de devaneio ou delírio. Mas de um saber que põe as questões essenciais da vida, as quais não podem ser respondidas pela ciência.

Muitas vezes esta experiência de pensamento pode começar na própria ciência, no senso comum ou numa filosofia de vida. Geralmente é algo simples ou que parece óbvio seja na ciência ou no senso comum, porém quando não é pensado de qualquer jeito, passa a mostrar outras facetas que mudam totalmente a sua compreensão. Não pensar de qualquer jeito significa que a filosofia possui uma metodologia para tratar de seus problemas ou melhor possui vários métodos. Dialética e método histórico-crítico, Positivismo, Estruturalismo, Fenomenologia e Pensamento complexo são exemplos dos métodos filosóficos mais conhecidos.

Como abordagem pedagógica, questionou-se a experiência de escrever dos estudantes e se decidiu estudar o problema a partir do texto clássico “Como se faz uma tese de Umberto Eco” (2002) e fazer uma espécie de enquête com os estudantes do curso com a finalidade de sabermos quais as dificuldades e quais os subgêneros de escrita acadêmica causam mais dificuldades. De imediato, constatou-se um ponto comum na realidade vivenciada pelo italiano no início da década de noventa e a dos estudantes de filosofia e da UFT em geral: um novo público de estudantes do povo e de trabalhadores adentram à Universidade.

O ingresso de estudantes de pouco poder aquisitivo trouxe muitos desafios pedagógicos quanto à quantidade de tempo disponível e capacidade de investimento nos estudos com livros, lugar adequado e viagens para congressos e pesquisas. Muitos estudantes da UFT ingressam tendo pouco desenvolvido o hábito de leitura e a competência da escrita. São estudantes que possuem celulares com dependência de dados móveis. Boa parte não possui computadores. E muitos possuem uma vulnerabilidade social muito grande.

Se a experiência exige tempo e capacidade de responder à realidade que afeta o sujeito, para os estudantes de filosofia da UFT, isto só se pode fazer possível como um ato de resistência e de certo

modo de rebeldia contra uma realidade social que, além de desprezar o pensamento crítico, fomenta a desigualdade nas oportunidades de fruição dos bens sociais.

Neste sentido, é que o PIP FILO se constituiu como uma Central de apoio pedagógico da Filosofia a fim de servir de suporte de atendimento para as dificuldades oriundas do uso das tecnologias necessárias para o estudo neste mundo digital e para o acesso às políticas de assistência estudantil que passam por plataformas digitais. Percebeu-se que alguns estudantes que iam disputar uma bolsa em algum programa, muitas vezes eram desclassificados já na inscrição seja pelo simples fato de não conseguir manusear a plataforma ou por muitas vezes não saber criar um simples currículo *lattes*, como no caso na seleção para as seis bolsas de Monitores de Inovação Pedagógica - MIPs Filosofia.

Consciente destas questões, a equipe do PIP FILO - além de fazer o trabalho de suporte com apoio aos estudantes, professores, organizando eventos e promovendo oficinas - também pesquisa e reflete a própria experiência por meio de metodologia ativa e dialógica no sentido da Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire (2011). Daí o desafio é o de aprender a escrever textos acadêmicos e desenvolver uma tese sem perder de vista a experiência filosófica e o compromisso pedagógico com o nosso público. Estudar metodologia se faz necessário. Conhecer métodos se faz premente. Porém, nada disso pode se tornar uma camisa de força para criatividade e para inventividade filosófica esperada dos estudantes.

Outro aspecto do projeto foi seu caráter interdisciplinar, pois trouxe discussões e reflexões com conhecimentos da Administração por meio da construção dos planos das oficinas e dos eventos, baseada nas orientações bibliográficas em De Paula (2022) e Campos (2004); e, também, do Direito sob uma perspectiva crítica do acesso à educação e à formação como direito fundamental e instrumento de consolidação do Estado Democrático de Direito, a partir do reconhecimento da diversidade cultural, dentro do novo perfil dos estudantes universitários: indígenas, quilombolas, oriundos de escola pública e da educação de jovens e adultos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

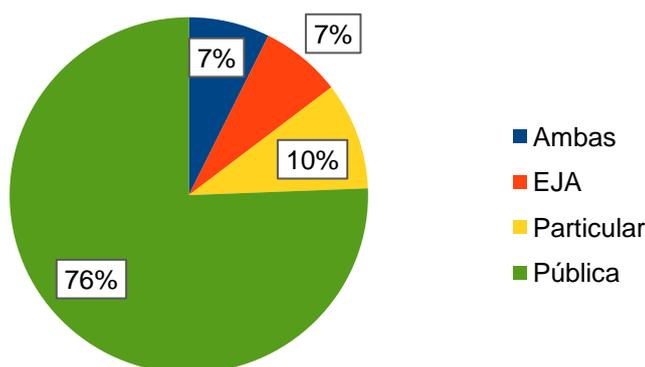
Em parceria com o Centro Acadêmico de Filosofia - CAFIL, realizou-se uma simples enquete - por meio do *google* formulário e com o auxílio do grupo geral de whatsapp (criado e mantido pelo CAFIL) - com os acadêmicos do curso de Filosofia para traçar um perfil dos acadêmicos e suas maiores dificuldades quanto ao processo de ensino e aprendizagem e a elaboração de textos acadêmicos. O uso de uma enquete e não de uma pesquisa de campo mais estruturada, deve-se ao fato de se querer dar a este ponto um caráter mais extensionista no sentido de fazer um simples levantamento rápido das

demandas urgentes para que se pudesse trabalhar no planejamento de ações de cursos, oficinas e de produtos voltados para as necessidades apontadas pelos estudantes do curso de Filosofia.

Neste sentido, seguiu-se uma orientação parecida com a primeira edição do Programa Institucional de Inovação Pedagógica (PIIP), que em 2021 entregou um formulário de registro de atendimento que trazia em seu interior pontos de avaliação semelhantes ao que foi utilizado pelo CAFIL. Outra inspiração para a elaboração da enquete, foram os formulários de avaliação presentes na Plataforma de Eventos da UFT a qual estimula que sejam sempre aplicados aos participantes da ação. Também não se quis fazer uso do SIE, sistema no qual há dados em abundância sobre a situação dos estudantes no que concerne à matrícula, retenção, evasão, origem de ingresso etc. O intuito foi apenas fazer algumas pequenas constatações que pudessem iluminar nossa atuação.

Deste modo, uma das primeiras constatações foi quanto à origem dos estudantes: mais de 75% (setenta e cinco por cento) vieram do ensino público. Um percentual de aproximadamente 10% (dez por cento) veio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) indicando um número significativo de pessoas que passaram pelo processo de letramento e de educação básica numa faixa etária posterior ao esperado; além disso, pode-se somar os números do EJA com os da educação pública e com alguns que passaram pelo particular e público, para termos um índice de cerca de 90% (noventa por cento) de estudantes oriundos da educação pública.

Gráfico 01 - Origem do ensino médio

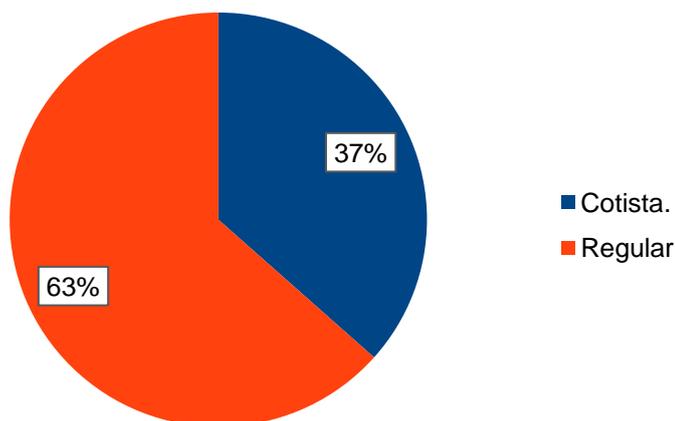


Fonte: Enquete CAFIL/PIP FILO.

Por outro lado, quanto à forma de ingresso verificou-se que 63% (sessenta e três por cento) dos ingressantes tiveram acesso de forma regular. Um pouco mais de um terço, 37% (trinta e sete por cento), são cotistas (indígenas, negros e ensino público). Estes números são interessantes, porque mostram que o processo de ingresso não é uma dificuldade enfrentada pelos pretendentes à licenciatura, uma vez que Soares das Chagas, J., Ferreira da Silva, L., Batista Cardoso, A. C., & Mittelstad Souza, A. EXPERIÊNCIA E MÉTODO: UM PROJETO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DO CURSO DE FILOSOFIA DA UFT: TEACHING, RESEARCH AND EXTENSION PROJECT OF THE UFT PHILOSOPHY COURSE. DESAFIOS - Revista Interdisciplinar Da Universidade Federal Do Tocantins, 11(2). [https://doi.org/10.20873/piip\\_16991](https://doi.org/10.20873/piip_16991)

não há preocupação de preencher os 50% (cinquenta por cento) de vagas para cotas. Mostra que o entrave não é entrar, mas permanecer.

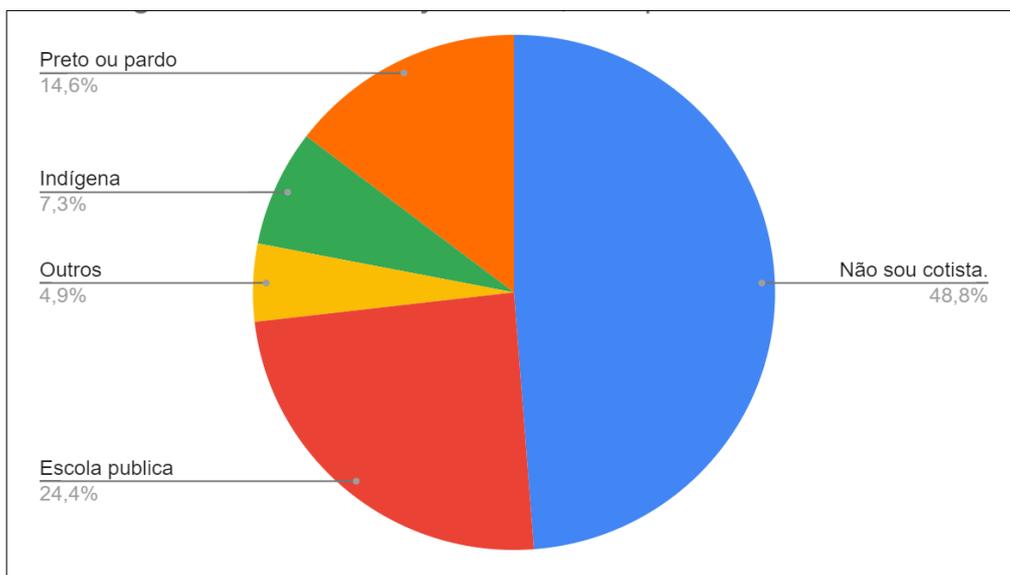
Gráfico 02 - Forma de ingresso



Fonte: Enquete PIP FILO

Buscando fazer um recorte do tipo de acesso, foi levantado que grande parte dos alunos não é cotista: 63% (sessenta e três por cento) dos respondentes. Identificados como pretos ou pardos aparecem como quase 15% (quinze por cento) do público do curso; e pouco mais de 7% (sete por cento) são indígenas. Assim, identificou-se que a categoria com maior participação é a dos estudantes oriundos de escolas públicas, corroborando com a forma de ingresso apontada no Gráfico 01 e as conclusões do Gráfico 02.

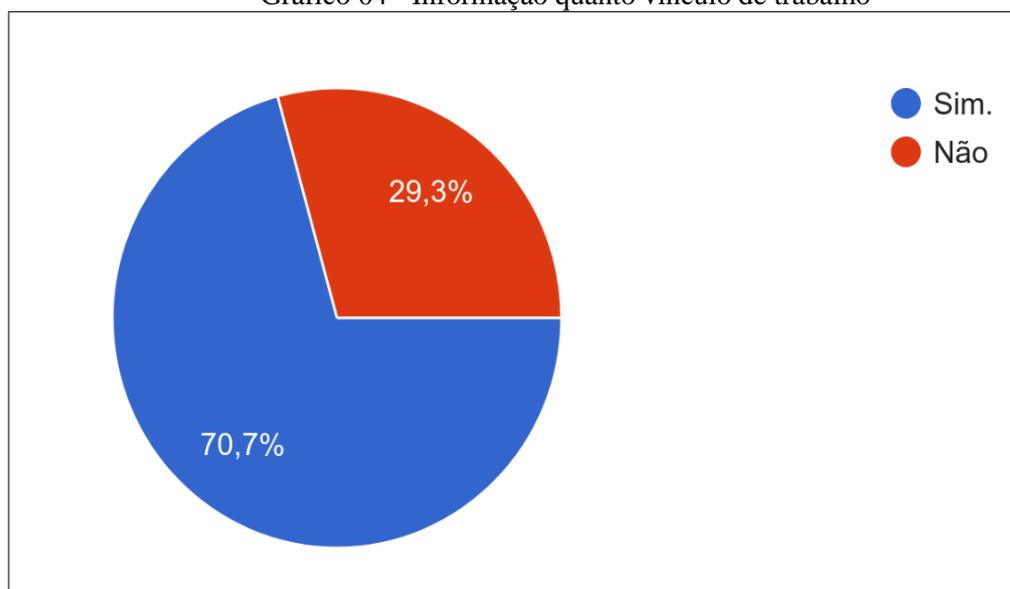
Gráfico 03 - Acesso por cotas



Fonte: Enquete CAFIL/PIP FILO

Outra informação relevante que se obteve foi que a maior parte dos estudantes trabalha: mais de 70% (setenta por cento). Conforme posto por Umberto Eco (2002), esse novo perfil de estudante traz uma realidade distante dos alunos clássicos até então, a saber, filhos das elites que entravam na Universidade e se dedicavam somente aos estudos. Esse novo estudante, trabalhador e filho da classe trabalhadora, é consumido pela rotina e pelas experiências mecanizadas do dia a dia. Talvez esse seja um dos maiores desafios para a formação acadêmica no sentido completo, envolvendo o ensino, a pesquisa e a extensão.

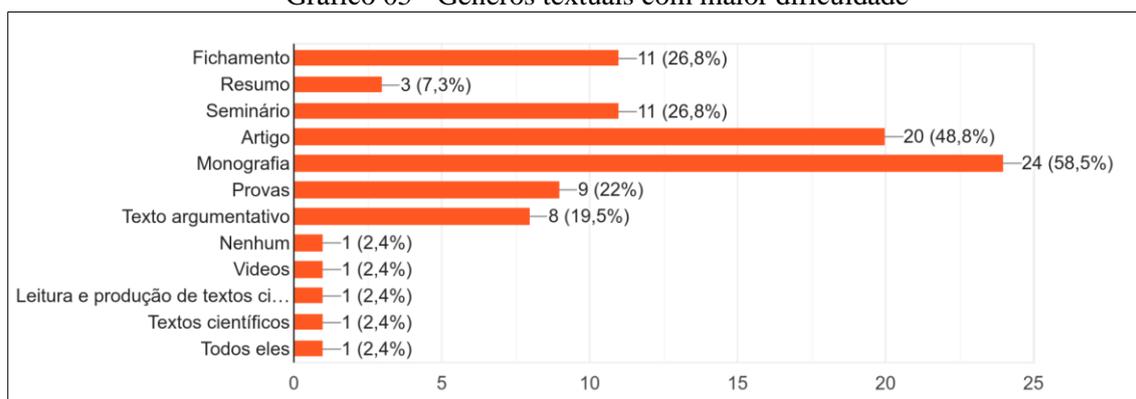
Gráfico 04 - Informação quanto vínculo de trabalho



Fonte: Enquete CAFIL/PIP FILO

Quanto aos gêneros textuais propriamente ditos, despontaram como objeto de maior dificuldade a monografia e o artigo, respectivamente. Aproximadamente 60% (sessenta por cento) dos estudantes demonstraram com suas respostas, a preocupação em relação ao Trabalho de Conclusão do Curso que, no caso da Licenciatura em Filosofia, é preferencialmente um texto monográfico submetido a uma banca avaliadora ou um artigo publicado em alguma revista com *qualis* reconhecido institucionalmente.

Gráfico 05 - Gêneros textuais com maior dificuldade



Fonte: Enquete CAFIL/PIP FILO

Frente às demandas manifestadas na enquete feita pelo Centro Acadêmico de Filosofia - CAFIL em parceria com o Projeto de Inovação Pedagógica da Filosofia - PIP FILO, este projeto se desdobrou em uma pesquisa teórica que pudesse ajudar a entender a situação apresentada e que pudesse servir de instrumento para o trabalho com a realização de oficinas e atendimentos que, segundo o formulário do google de atendimento, ultrapassou a cifra superior a cem estudantes. Deste modo, à pesquisa teórica, assomou-se um empenho extensionista em que os estudantes foram protagonistas e no qual se teve a colaboração de professores da rede pública por meio da parceria com o projeto de Residência Pedagógica da Filosofia.

## CONCLUSÃO

Ao longo dos trabalhos do Projeto de Inovação Pedagógica da Filosofia - PIP FILO, a pesquisa se pautou na leitura, reflexão e discussão da equipe a partir de uma metodologia qualitativa e bibliográfica em que se privilegiou os conceitos de experiência e metodologia de alguns filósofos, a saber: W. Benjamin; Jorge Larossa; Umberto Eco, dentre outros. A este empenho investigativo somou-se uma necessidade de intervenção cuja realidade se deu enriquecida pelo que se aprendeu em nossos encontros de alinhamento e formação que ocorriam às segundas-feiras. Percebeu-se que um dos grandes gargalos do curso é uma certa deficiência de leitura e escrita e que a atuação do projeto deveria se dar de maneira extensionista nesta direção. Os formulários de avaliação de atendimento e as enquetes do CAFIL confirmaram esta percepção inicial e lançaram a equipe num trabalho que incluiu promoção de oficinas, palestras, grupos de estudo e produtos voltados para a questão da metodologia de leitura e escrita acadêmica.

Todo este empenho e atividades iniciados em 2022, seguiram-se em 2023 com várias ações - que podem ser verificadas na Plataforma de Eventos da UFT - e no desenvolvimento de material didático voltado para os nossos estudantes preocupados com TCC, artigos etc. Enfim, o trabalho continua em torno de esforços concentrados em torno destes aspectos metodológicos e de leitura e escrita acadêmica, sempre levando em consideração o desafio de trabalharmos com estudantes que nem sempre tiveram a oportunidade de cursar um ensino básico de qualidade. No entanto, o otimismo que guia os esforços do PIP FILO continua, já que se vê o entusiasmo com que os estudantes abraçam a causa da formação filosófica.

## AGRADECIMENTO

Agradecemos o empenho e dedicação das pró-reitorias envolvidas neste grande e audacioso Programa de integração pedagógica, sobretudo à diretoria de Pesquisa que abriu este espaço nesta muito bem conceituada Revista acadêmica. Também agradecemos de forma especial aos estudantes, coordenadores e tutores envolvidos nos trabalhos de ensino, pesquisa e extensão em busca de melhorar a situação de aprendizagem dos estudantes da UFT.

---

Todos os autores declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

---

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza**. Vol 1: magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Soares das Chagas, J., Ferreira da Silva, L., Batista Cardoso, A. C., & Mittelstad Souza, A. EXPERIÊNCIA E MÉTODO: UM PROJETO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DO CURSO DE FILOSOFIA DA UFT: TEACHING, RESEARCH AND EXTENSION PROJECT OF THE UFT PHILOSOPHY COURSE. DESAFIOS - Revista Interdisciplinar Da Universidade Federal Do Tocantins, 11(2). [https://doi.org/10.20873/piip\\_16991](https://doi.org/10.20873/piip_16991)

CAMPOS, Vicente Falconi. **Gerenciamento da rotina do trabalho do dia-a-dia**. Nova Lima: INDG Tecnologia e Serviços Ltda., 2004.

DE PAULA, Gilles B. **Plano de Ação**: o passo a passo. Disponível em: [http://www.mpce.mp.br/wp-content/uploads/2018/07/20180409-Plano-de-Acao-O-passo-a-passo-Etapa\\_III.pdf](http://www.mpce.mp.br/wp-content/uploads/2018/07/20180409-Plano-de-Acao-O-passo-a-passo-Etapa_III.pdf). Acessado em: 27/09/2022.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Trad. Ruth Joffily e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

ECO, umberto. **Como se faz uma tese**. 17 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 2011.

LAROSSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/26421823\\_Notas\\_sobre\\_a\\_experiencia\\_e\\_o\\_saber\\_de\\_experiencia](https://www.researchgate.net/publication/26421823_Notas_sobre_a_experiencia_e_o_saber_de_experiencia). Acessado em: 28/09/2022.

RIBEIRO, Darcy. **Sobre o Óbvio**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

SPINOZA. **Ética**. 2 ed. Trad Tomás Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SPONVILLE, André Comte. **Pequeno Tratado das grandes virtudes**. Trad Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.